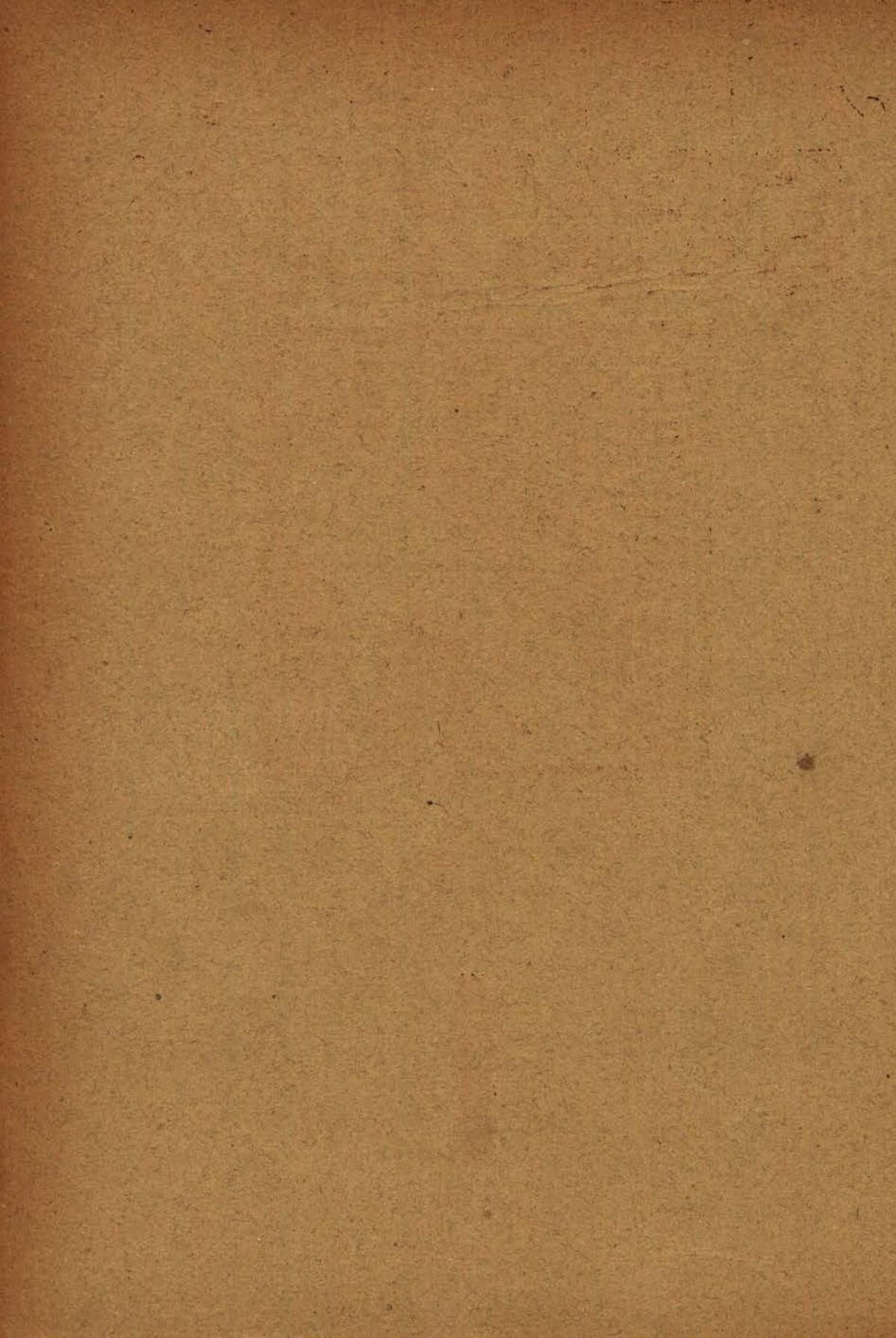


# SPHINX REVISTA DE NOVOS.



1



**Quereis dinheiro!**

**Muito dinheiro!**

Ide habilitar-vos á Loteria no

**GAMA**

Antiga Casa MANAÇAS

**R. do Amparo, 49 – Lisboa**

---

**Sempre sortes grandes**

Atende todos os pedidos da Provincia

**CALÇADO BARATO**

FABRICO MANUAL

---

**R. da Palma, 290 a 290-B**

**T. do Bemformoso, 14 a 18**

Em frente ao Coliseu da Rua da Palma  
ao INTENDENTE

---

A casa mais bem sortida do paiz  
e a que mais **BARATO VENDE.**

---

**J. A. CANDEIAS**

Volte a pagina

e leia o verso

?

# SPHINX

REVISTA MENSAL

≡ ILUSTRADA ≡

## DIRECTORES

### LITERARIOS

Laura de Almeida Nogueira  
Celestino Soares (da Faculdade de Letras)

### ARTISTICOS

José Leitão de Barros (da E. de B. Artes)  
Cottinelli Telmo (da E. de Belas Artes)

## FUNDADORES

Tereza Leitão de Barros, Laura d'Almeida Nogueira, Carlos Chambers Ramos (da E. de Belas Artes), Celestino Soares (da F. de Letras), Francisco Vieira Machado (da F. de Direito) Cottinelli Telmo (da E. de Belas Artes) José Leitão de Barros (da E. de Belas Artes), José Mercier Marques (do I. Superior Técnico), Luis de Almeida Nogueira, Luis R. Santos, Luis Simões Raposo (da F. de Medicina), Vasco Guimarães Anjos (Fontalva).

## SUMARIO:

Sphinx.....	<i>Celestino Soares</i>
Jarrão.....	<i>José Angelo</i>
Poema da minha saudade.....	<i>J. M. M. de V. Guimarães</i>
Rosas velhas.....	<i>José Julio</i>
Guerra.....	<i>Luis R. Simões Raposo</i>
NOVISSIMOS	
Helena (Roque Gameiro).....	<i>Leonor Bastos</i>
Martins Barata (Jayme).....	<i>J. L. de B.</i>
Cottinelli Telmo (José Angelo).....	<i>J. L. de B.</i>
Ilustração Inedita.....	<i>M. Raquel R. G. Ottolini</i>
As Larangeiras.....	<i>T. Leitão de Barros</i>
Pôr do Sol d'Outono.....	<i>Afonso A. de Portugal</i>
Miragens.....	<i>Norberto Corrêa</i>
O MES	
Coimbra e a praxe.....	<i>Francisco Machado</i>
Exposições.....	<i>Luis R. Santos</i>
A Bilbainita.....	<i>C. Chambers Ramos</i>
O Concurso de Cartazes para o "Circo da Morte".....	<i>Carlos Rebelde</i>
Artes decorativas.....	<i>Laura Nogueira</i>
O drama Passional.....	<i>Mercier Marques</i>
ATRAVEZ DA VIDA ACTUAL	
Iniciando.....	<i>Esfinge da Helade</i>
Um esteta.....	

### SECRETARIO

Luis R. Santos

### EDITOR

Luis d'Almeida Nogueira

Correspondência dirigida ao Secretario — Rua do Cabo, 25 r./c.-D

Propriedade da SOCIEDADE EDITORIAL da "SPHINX"

Composto e impresso nas OFICINAS GRAFICAS de Henrique Perreira & Cia.  
Rua Paiva de Andrada, 4 a 12 — LISBOA

# EXPEDIENTE

## ASSINATURAS

Portugal, Ilhas e Colonias .....	60 cent.	1\$20 cent.
Africa e India.....		1\$40 cent.
Brazil .....		6\$000 réis
Extranjeiro .....		7 francos

Numero avulso 10 cent.

As assinaturas são pagas adeantadamente. A cobrança é feita pelo correio e á custa do assignante.

## ANUNCIOS

	1 publicação	6 publicações
1 página.....	5\$00	27\$50
1/2 " .....	3\$00	16\$50
1/3 " .....	2\$00	11\$00
1/8 " .....	1\$00	5\$50

Fóra do espaço reservado a anuncios, contractos especiais. As gravuras são á custa do anunciante.

Devolve-se o original não publicado. Os escritos e desenhos são da inteira responsabilidade dos seus autores. Toda a correspondência deve ser dirigida ao secretario.

**Leiam :**

# Terra Portuguesa

Revista ilustrada de Arqueologia artistica e Etnografia

Director literário: Virgilio Correia      EDITOR: D. Sebastião Pessanha      Director artistico: Alberto Souza

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

**RUA RODRIGO DA FONSECA, J. P.  
LISBOA**

**Casa editora "Para as crianças"**

DIRECTORA

**Ana de Castro Osorio**

A melhor colecção de livros infantis. Obras literarias, sociais, de instrucção e de educação. Pedir o catalogo ilustrado a:

**Rua do Arco do Limoeiro, 17, 3.º**

**LISBOA**

**C. A. Marques Leitão**

Desenho..... 5 vol.  
Iniciação geometrica ..... 1 vol.  
Planimetria ..... 1 vol.  
Estereometria ..... 1 vol.  
Planificação de solidos geometricos  
5o modelos

**Em todas as Livrarias**

Como a nossa revista se fez sobretudo para aquelles novos que querendo trabalhar não tem onde fazer sair o seu original, pedimos toda a colaboração garantindo que todos os trabalhos que não mereçam publicidade serão devolvidos, sendo mantido o maior silencio sobre a sua autoria.



E' muito difficil traçar um plano. Nós mesmo não fazemos ideia da vida que temos de levar.

¿O que vamos ser? Não o sabemos. O que é certo, porém, é que «Sphinx», tendo a persuasão de que entre os moços de hoje alguns ha que sabem pensar, quer que eles deixem um documento da sua passagem. . .

Bom ou mau — ele será sincero. E só por isso, deve merecer a atenção dos novos e daqueles que por eles se interessem.

«Sphinx» fez-se para estreias. Aqui aparecem muitas correntes e essas as mais diversas. Que isso não exaspere o leitor, e que acima de tudo ele se lembre de que a nossa publicação, sendo de novos, ha-de ter a dispersão, o atrevimento, e sempre a sinceridade de rapazes que escrevem com o louvavel e exclusivo intuito de mostrar o que são, e sobretudo o que quereriam ser.

Ha muito a fazer neste sentido. E' preciso despertar a mentalidade dos rapazes de hoje, acordá-los da inconsciencia em que conscientemente vivem, e fazê-los criar necessidades espirituais.

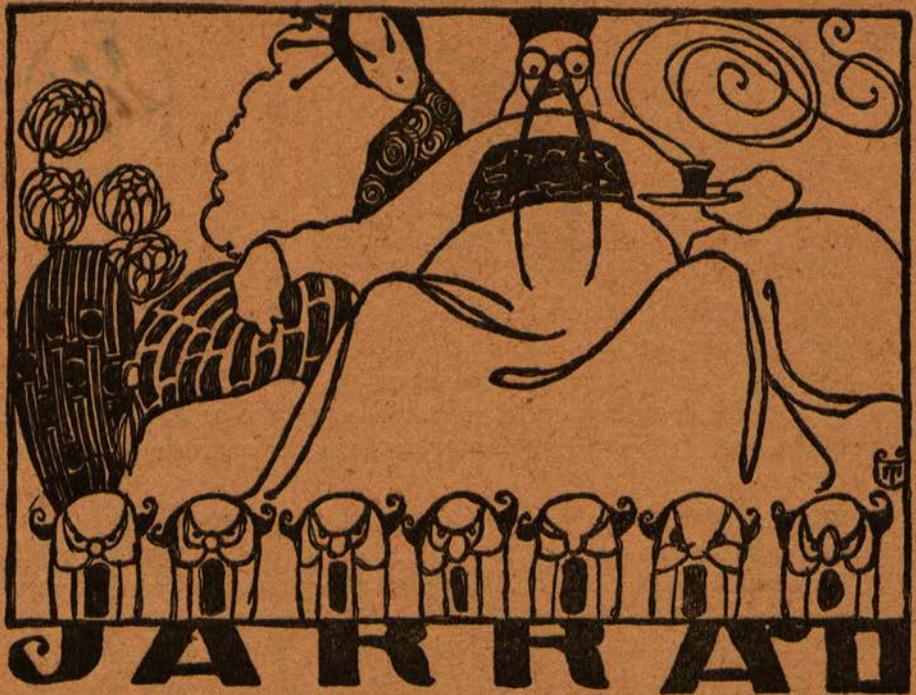
«Sphinx», portanto, aceitará toda a colaboração com a condição única de ser original. . . e um pouco acima do ram-ram da nossa gente.

A nossa revista é, pois, mais uma das muitas tentativas para a Emancipação do Espirito que a Civilização e as Escolas transformaram, por forma a fazer do homem de hoje — «uma criatura anti-humana, sem beleza, sem força, sem liberdade, sem riso, sem sentimento, e trazendo em si um espirito que é passivo como um escravo ou impudente como um histrião», de tal modo que «todos, intelectualmente, são carneiros trilhando o mesmo trilho, balando o mesmo balido, com o focinho pendido para a poeira onde pisam em fila as pègadas já pisadas».

Se cairmos como tantos outros, é culpa da gente de hoje que não sabe manter uma publicação assim. . . não nossa que neste trabalho empenhamos toda a boa vontade.

Que quem nos lêr se não esqueça de que somos novos, e por isso mesmo cumpre olhar-nos diferentemente. . .

CELESTINO SOARES



Jardim: Crisântemos Amarelos e Cerejeiras em flôr. Borboletas salpicadas d'Ouro e Gafanhôtos Azuis traçam no ar, em caracteres de Hoan, Elegias d'Abril.

Hakarí, a Flôr d'Outôno, filha de Fou-ta, brinca com os Faisões Nipónicos, Heraldicos, Dourados, dos Parques de Hong-Tí. Sobre os Tapetes de Musgo e os Arbustos Rendas-Negras, saltitam Pavões Vermelhos. Aos gritos dos Pavões estremece e chora Hakarí. Tem mêdo: os Pavões Vermelhos odeiam os Faisões de chama; teem ciumes das carícias de Hakarí, que estilisam os Hieraticos Faisões em Heraldicas de Fogo.

Hakarí é pequenina como os seus beijos esbrazeados. E' uma Andorinha de veludo, sêda e ouro. E' um Crisântemo do Oriente. Por isso os Faisões Nipónicos Heráldicos Dourados, odeiam os Pavões Sangrentos de Tai-Li...

... Jardim ainda. Juncos. Verdes-Sêcos. Hong-Tí, o Kong-Pao do ImperiO ArdentE é o Senhor do Jardim-Sonho onde Hakarí fez murchar de inveja as Flôres de Cerejeira. Quando Hong-Tí passeia as sêdas policrómas, os Servos da Mongólia arrastam se no chão; porque Hong-Tí é Filho do Grão FILHO DO SOL! E tem 3000 anos! A sua túnica verde tem no peito, em campo carmezim, o Dragão Negro e o Disco Amarelo. Parece uma creança de bigodes compridos. Tem oculos azuis e pança como um bombo.

Parou junto do Lago onde Dragões de Porcelana Azul e Olhos de Jade vomitam torrentes de Cristais. Na Agua Verde-Mar, de Limos-Cornalina, Peixinhos Rubros e Douradas traçam parábolas de palhêtas brilhantes. Hong-Tí deu um gritinho; o Eco outro gritinho. Julgou ele ver

no Fundo Láca e Ouro, Hakari beijar de leve a Cálida Plumagem das Aves do Paraíso.

Os Gafanhôtos Azuis perseguem agora Borboletas Negras, em linhas espiraladas...

... Hakari viu Hong-Ti—Hong-Ti julgou sonhar... e Hong-Ti falou baixinho. Só as Libelinhas Irisadas, mosqueadas de Preto e Branco, ouviram.—«Ha 3000 primaveras não vejo Flôr tão bela! Esperam-te no meu Yamen os Perfumes mais caros; as Músicas mais belas dos músicos de Ho-ha; as Bailadeiras do Hindustão e os Encantadôres de Serpentes; e os Meus 200 Cozinheiros que sabem preparar as 6000 Iguariás de gafanhôtos cozidos, ninhos d'andorinha, Perdizes de Pe-teheli e raizes de gui-sang».

Hakari julgou sonhar e teve medo, porque, no peito de Hong-Ti, ha sobre um fundo quadrado carmezim um Dragão Negro feio e um Disco Amarelo...

... Fundo Laca e Ouro. Luz baça e mística de lampeões chinêses. Chão de mosaicos, marmores Vermelhos raiados uns de Azul outros de Verde. Leões de Porcelana Azul e Olhos de Jade. Marfins, Lacas e Ouro.—Um Hong-Ti de Charão e uma Hakari de Sêda—vivem d'amôr num trôno verde cheio de Dragões. Damas Nobres e Bailadeiras. Grandes Senhores e Escravos. Eunucos e Soldados. Ambiente: Côr—Lenda. Os Sons e os Perfumes contam-nos como um Crisântemo morreu d'amôr por uma Andorinha Verde-Mar...

... Andorinhas Negras—Entram Servos da Mongólia e Porcelanas: é o Chá!—Um gritinho de Hong-Ti. Horror! Tudo agora é Vermelho! E' que um Mosquitinho Azul com Azas como Mica, vindo talvez da Arménia caíra ali no chá do Kong-Pao—Hong-Ti!

As cabeças oscilam nos ombros dos Mongóis. Ajoelham-se. Arrastam-se no chão a confundir-se, na policromia das cabaías, com as tapeçarias onde Dragões Vermelhos devoram Discos Vermelhos tambem e Sete Samourais que existiram em Outras-Porcelanas, jogam com as cabeças doutros tantos Servos Mongóis.

... Vermelho... Fundo Vermelho e Ouro...

... Sete Colossos Amarelos, horriveis Gengis-Khans, empunham Adagas Laca e Ouro e Madrepérola. Sete Horriveis Gigantes, mais horrendos que os Idolos do Lhassa, sobrolhos carregados, cabelos como urzes. Bebem sangue por craneos; fogem d'Elles as panteras.

Hakari, a Flôr d'Outôno, desmaia em Fundo Azul. Retine um gong. Vestem-se de Prata as coisas; franjam-se de Prata as Lacas e os Charões.—Prata—Hong-Ti tem nôjo e o nôjo vai-se, a sangue. Rolam Sete Cabeças. O sangue espirra e mancha os marmores e os jades e vai correndo e forma os caracteres de Hoan. Agora são as Maximas do Grande Kong-Fou-Tseu; e os Caracteres de Sangue sôbre as tapeçarias, vão-se desenrolando, através os Dragões e os Discos Amarelos e os Dragões Vermelhos...

... Jardim: Crisântemos Amarelos e Cerejeiras em flôr. Borboletas salpicadas d'Ouro e Gafanhôtos Azuis traçam no ar Elegias d'Abril...



# POEMA DA MINHA SAUDADE

Cavaleiros sem Fim da minha Dôr!  
Fantásticas visões do meu caminho!  
;Em que terra se esconde o meu amor?  
;Em que país morreu o meu carinho?  
.....

Eu me lembro, eu me lembro,  
era uma tarde de Agosto...  
Embuçada na sombra a noite  
já espreitava... Badalavam Avé Marias...  
Hora do Sol-Pôsto!

Tristes Melancolias...  
O vento como um açoite  
ia varrendo a terra...  
Eu me lembro, eu me lembro,  
era uma tarde d'Agosto...

Vinham goletas no Mar.  
E que lindas elas vinham!...  
Mar acima, mar acima,  
a minh'alma a navegar...  
Veem de países d'oiro ..  
e a Saudade se aproxima,  
como um menino loiro  
a chorar...  
.....

E eu olho a terra:

Searas de luz...  
Campos a fugir  
entre os loiros trigos...  
Fala Jesus...  
Nas solidões eu quero ouvir  
salmos antigos...  
.....

Eu me lembro, eu me lembro,  
era uma tarde d'Agosto...  
Mãos postas, mãos no ar...  
A noite vinha caindo  
a orar!

Olho a planície:

Planícies infindas...  
Vão pr'as herdades

Maneis e Marias.  
Cantam minhas saudades,  
minhas melancolias...  
Maneis e Marias  
vão pr'as herdades.  
Eu me lembro, eu me lembro,  
era uma tarde d'Agosto.

E hoje digo:

Nostalgia, nau perdida  
sem governo a navegar,  
recorda-me outra idade,  
tempo em que fui menino.  
Oh! meu tempo de bonança!  
Oh! meu tempo de Saudade!  
Minha alma é ermida,  
e em tardes de esperança  
e em noites de luar,  
o meu amor vae lá rezar.

8 de Julho de 1916.

J. M. M. DE VASCONCELOS GUIMARÃES

# ROSAS VELHAS

Fragmento d'um poema inédito

.....  
Ha rosas antigas tão sêcas, tão velhas,  
Que a gente se fica a sismar ao pé delas

.....  
Ao vê-las outr'ora beijar as abelhas...  
Juntinhas e brancas coroando as capelas...

As rosas antigas, não cheiram, mas sentem...  
Amarelas, sedijas, já não tem côr...  
Perfumes passados e que já não mentem...  
Canções misteriosas dum antigo amôr.

Que dizem! Que contam as rosas velhinhas  
Escondidas ao canto duma arca fundeira...  
Pésinhos mirrados atados com linhas  
Desfazem-se e cáem em tenue poeira...

.....  
Ha rosas velhinhas que murcham inteiras  
Que choram e riem dentro de si mesmas.  
.....  
E morrem unidas, caladas, ordeiras...

Lisboa, 27 de Novembro

JOSÉ JULIO

# G U E R R A !

(Esboço dum estudo)

Estranho espectáculo o do mundo!

Olhai-o!

Sobre os campos ridentes da França e da Belgica, vêde-os, como liões, a batalhar, os intrepidos *poilus du front*, as fleumaticas legiões da Inglaterra e da Irlanda, os montanhêses risonhos da Escocia, com as suas saias altas de xadrês claro e as suas meias negras de riscas coloridas, e os heroicos soldados da pequenina Belgica, invadida e pisada, mas forte, no prestigio da sua fé e do seu direito e no seu inexcedivel amor pela sua honra de nação livre.

Vêde os negros gigantes do Senegal e da Nubia, os homens de rosto tismado da Indo-China e do Imperio da Índia, os australianos e os canadianes vigorosos, toda essa heterogenea reunião de raças e de civilizações, movidas por uma única vontade.

Vêde-os, tambem, com o seu inegavel valor, os regimentos e divisões da Prússia, do Wurtemburgo, do Brandeburgo e da Saxonia.

Escutai-os, a todos, nos seus gritos selvagens de fera louca, nêsses ataques violentos em que a morte trucida e despedaça os craneos de umas poucas de gerações!

Olhai, mais alem, na Rússia, na Polónia, na Galicia e na Roménia, os choques colossais dos exércitos da Alemanha, da Austria, da Hungria, da Bulgária e da Turquia, contra as formações russas e as fracções dos latinos do Oriente.

Parai, um momento, ante os combates do Caucaso, da Macedónia, da Albânia e dos Alpes, levantai a vista ofuscada para a Persia, a Mosopotamia e a Africa Oriental, repousai-a sôbre todo o mar e dizei-me, depois, o que é isto?!

Que coisa é esta que assola, arrasta e destroi homens, cidades e civilizações, e que ameaça, pouco a pouco envolver, no mesmo furor, os milhões e milhões de homens que pululam nisto a que chamamos Terra?

Reflecti e dizei-me depois se poderá ser a guerra obra de uma unica desvairada vontade, de um acaso ou de simples caprichos dos homens?

Não, pior que todas as calamidades cósmicas, pois são, conjuntamente, violentas e demoradas, as guerras, que destroem e criam cidades, que modificam o curso dos rios e os cumes das montanhas, formam lagos e aterram pantanos, que transformam a apparencia plastica da Terra e fazem tremer de espanto a humanidade inteira, teem decerto um mais alto significado.

Olhai para trás! Em dados periodos do desenvolvimento de todos os povos, a guerra aparece, inevitavel e feroz; e até antes da civilização ou, mesmo, do primeiro bando, o homem, animal selvagem, sózinho com as suas necessidades de conservação da vida e da especie, luta. Os seus inimigos são a Natureza e as feras, animais e homens, que o atacam ou lhe disputam a posse dos alimentos e da femea.

E então ele, como um tigre enraivecido procura esmagar o adversario pela sua agilidade ou pela sua força. Animal superior, porém, a sua intelligencia ensina-o a servir-se das pedras como de armas de arremesso e dos ramos arrancados das arvores como de poderosos auxiliares do combate.

E' caracterizadamente, em toda a sua violencia, a *luta pela vida*, de que Charles Darwin nos fala, como do mais poderoso elemento de selecção, a que se deve a evolução das especies.

A sua única preocupação é a conquista de novas vantagens, e só por isso êle se une aos seus semelhantes para, com as vantagens da união, conseguir as mais dificeis vitorias.

Está fundado o primeiro bando!

Errante este, porém, tudo no seu caminho lhe é estranho; detrás dum cêrro um ribeiro, por detrás dum bosque um valado, tudo para êle são ciladas; por isso se fixa formando a primeira povoação, centro das suas correrias, em volta da qual se agita a luta.

Asssim, por uma comunhão intima de interêsses comuns, cresceram as primeiras sociedades.

Buscando, no seu engenho, os meios de subjugar as especies inferiores, breve estas o evitam e, então o homem só teme outro homem como o bando outro bando. Só estes agora disputam entre si para a satisfação das suas necessidades inatas.

Eis a génese da guerra!

Quanto mais avança a mentalidade humana, quanto mais floresce uma nação, maiores necessidades cria; pela complexa engrenagem dos organismos sociais, cuja evolução é escusado vir aqui marcar, não são já simplesmente os primitivos estímulos que impulsionam o homem. Para a construção dos seus palacios, para o amanho das suas terras, para a guarda dos seus rebanhos, para o transporte dos seus navios, para o progresso das suas industrias, para tudo, enfim, êle precisa de maior número de energias e de vantagens:—vai submeter os outros povos para as obter.

Depois, também, habituado a vencer, através de tudo, reveste-se de um orgulho, que lhe não permite consentir que o olhem, sequer, com maior sobrançeria; preso de uma crescente ambição, quer impôr o seu commercio, a sua religião, a sua cultura...—eis novas guerras que surgem.

Já vemos que elas têm uma origem identica ás primeiras lutas de homens selvagens; não duvidemos, também, que elas contiuem a corresponder á selecção natural, tão celebrada pelos filósofos zoologistas.

Unicamente aqui se não procura, apenas, o predomínio dos fisicamente *mais aptos*, porque a guerra é agora entre grupos seleccionados e munidos com as armas que os sabios do país souberam descobrir.

Quem mais aguerridos exércitos possuir, quem os dotar com armas mais poderosas e lhes der chefes mais habéis e astutos, tem a certeza da vitoria.

Dois inimigos são igualmente fortes. Para que um vença o outro necessita do auxilio de outros povos—é então o país que tiver criado uma superior diplomacia aquêle que imperará.

Vence, sempre, em resumo, a sociedade, sobre todos os pontos de vista, mais perfeita e *mais apta*.

E' indiscutivel!

Por tudo isto se me afigura ser o verdadeiro significado da guerra:—*uma modalidade do «Struggle for life»*, tendo por fim impulsionar, no sentido do maximo desenvolvimento, a mentalidade humana.

Pode-se objectar que é um progresso feito á custa de destruições, mas na selecção de animais tal se observa, posto que em menor escala, e a maior proporção que aqui atinge deve ser devida ao numero formidavel

de organismos sobre que tem de actuar um abalo unico, que se não fôra violento, seria inefficaz.

E a justeza desta comparação entre as guerras dos homens e as lutas entre animais ainda se torna mais frisante quando estes se reúnem para formar sociedades identicas ás dos homens.

E' Henry Fabre, se a memoria me não falha, quem nos diz que as formigas fazem guerras, não só entre si, mas, ainda, contra outros animais, que, verdadeiros escravos, são por elas aproveitados, depois, pelos liquidos assucarados que segregam.

Ha aparelhos que, ampliando-os, dão hoje conta dos gritos de guerra que elas produzem ao iniciar os seus combates, curiosissimos pelas disposições que para elles tomam, absolutamente identicas ás dos nossos exércitos, com as suas guardas avançadas e os seus postos de ligação.

A semelhança é frisante, ou as pobres formigas procederão tambem por instintos caprichosos e aventureiros?

Considerada a guerra sob este ponto de vista:— um meio de selecção propulsor do progresso mental, resta evidenciar-lhe a utilidade.

Não me atrevo, porém a fazê-lo sem, anteriormente analisar, mais detidamente, o seu activo de vantagens, e o seu grande passivo de prejuizos e destruições.

Incendios, saques, bombardeamentos, . . . fazem ruir o que, dezenas, centenas de anos de actividade construíram; artistas, sábios e trabalhadores, perecem aos milhares e tais perdas tornam os seus danos tão importantes, que só enormissimas vantagens immediatas os poderão equilibrar no criterio daqueles que, perante a Historia, assumem a responsabilidade de as ter desencadeado.

Antes, porém, de passar em revista muitas das suas vantagens, lembremo-nos ainda que tudo quanto apontámos de perdas é, materialmente, remediavel.

As cidades ressurgirão mais perfeitas, pois os projectos da sua reconstrução serão baseados em principios mais modernos, e, até a necessidade de rapidos e vastissimos trabalhos dêste genero, há-de fazer surgir novos e mais aperfeiçoados processos de construir.

As fábricas vão sendo logo substituidas por outras bem mais importantes, que as necessidades da defesa nacional tenham gerado.

Milhões de operarios, e estes muito mais aptos que os que morrerem, porque terão mais intenso aprendizado, os irão substituir.

Os aspectos e sensações novas, inspirarão novos artistas.

Ensinamentos preciosos enriquecerão o cerebro de todos os pensadores e abrirão novos horizontes aos estudos scientificos. . .

Tratemos, finalmente, das vantagens da guerra, com maior precisão.

Ha ocasiões, depois de um longo periodo de revoltas, em que as guerras são o remedio unico que pode salvar as sociedades, porque aquelas são, sempre, graves operações cirurgicas que abalam fortemente os organismos sociais. E como a ordem é um factor indispensavel de progresso e a anarchia um elemento de retrocesso, nunca os efeitos beneficos de uma revolução se fazem sentir, sem que de novo se ordene a sociedade em que ela se produziu.

Fôï Napoleão quem salvou a França, depois da grande revolução, porque desencadeou a guerra, e esta traz, sempre, consigo um impulso disciplinador, ainda pelo instinto de conservação — não de um individuo mas das sociedades.

A guerra é ainda um excitante, e, como todos êles, faz aparecer energias onde anteriormente faltavam, impulsiona, em todos os sentidos, a actividade humana e, mais ainda, como todo o perigo, dá ao homem novos e inumeraveis recursos e, a cada membro de uma sociedade, uma mais nitida comprehensão da solidariedade nacional.

E é dêsse frémito imenso de milhões de vontades robustecidas para um esforço comum, que surgem trabalhos grandiosos, e, até então, inconcebidos.

Basta, para formar disto uma ideia aproximada, observar, com um pouco de cuidado, o que se passar durante a presente conflagração.

Quem nos diria, ha três anos apenas, que em tão curto praso se operaria em França tão extraordinaria evolução industrial?

Pois hoje, pelo aproveitamento das suas quedas de aguas, aquele admiravel país soube dotar-se com tais e tão economicos geradores de energia mecanica, que me não resta a minima dúbida de que, terminado este periodo em que tudo tende, industrialmente, á produção maxima de munições, a França passará, pela produção colossal das suas manufacturas a ocupar um lugar preponderante na politica economica do mundo.

E, a este desenvolvimento disse-o ha um mês um dos seus ministros, fez tambem corresponder um tal aumento na sua marinha mercante, que esta por si só bastará depois ás necessidades do país.

Verificada a eficacia excepcional dos processos comerciais alemães, todas as nações agora se aprestam a adoptá-los e porfiam em aperfeiçoá-los para a luta futura.

.....  
Quanto tempo levaria esta obra, se não fôra a guerra?

E, mesmo, poderia doutro modo ser algum dia levada a efeito? Duvido.

Na aviação, o trabalho dêstes dois anos tem ultrapassado de tal modo toda a espectativa que, decerto, no periodo de normalidade que se seguir a tudo isto, ela será um meio comum de locomoção, e, o mesmo se não pode deixar de afirmar quanto á navegação submarina.

Que papel estará reservado na transformação da vida maritima a êsse soberbo invento italiano — tutt'ale —, que na primeira viagem de experiencia percorreu 800 quilometros com a vertiginosa velocidade de 1500 metros por minuto?

E a medicina? Qual tem sido o seu progresso maravilhoso?

Quem nos diria que, depois dos fraquissimos resultados obtidos por Laurent em 1761, por Ballif em 1835, por Beaufort em 1867, por Vaughetr em 1906 e por Ceci e Elgart em 1909 se havia de, em dois anos sómente, conseguir dotar um amputado de uma mão movel segundo a sua vontade?

As escolas de reeducação dos feridos teem operado verdadeiros milagres.

.....  
E quantos milhares de ensinamentos praticos virão ainda enriquecer todas as sciencias?

Terminando, resta-me frisar a transformação social proveniente da utilização das mulheres em todos os trabalhos, desde as oficinas á chefia de gabinetes ministeriais.

Basta, creio eu, para demonstrar as enormes vantagens da guerra; e, agora, eu não hesito em proclamar-lhe a utilidade.

Em resumo :

A guerra é o mais forte elemento de progresso ;

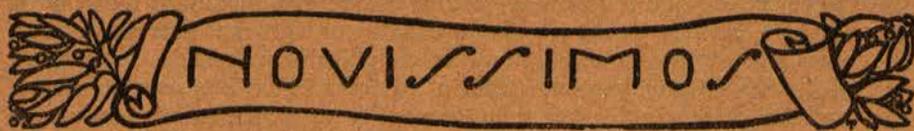
E', por vezes, a unica salvação de uma sociedade anarquizada ;

Traz, sempre, consigo, um desenvolvimento, inconcebivel anteriormente, das sciencias, das artes e das industrias, não falando já das vantagens provenientes do predomínio das sociedades *mais aptas* para a luta e para a vida.

Mas ella é hoje mais do que nunca, de tal modo violenta, que a poderemos bem comparar a um remedio heroico, o qual dado em grandes doses, e a curtos intervalos, conduz, infalivelmente, á morte, e, administrado sabiamente, salva o doente, de outro modo irremediavelmente perdido.

Que os povos saibam sempre, porém, dosear, convenientemente, a frequencia e a duração das guerras.

LUIS R. SIMÕES RAPOSO



HELENA (ROQUE GAMEIRO)

A melancolia dos seus olhos verdes, a tristeza quasi dormente das suas palpebras sonhadoras passeariam ignoradas por entre os grupos indifferentes de toda a gente, se não fôsse a harmonia especial e nova do seu «todo» dar-lhe um encanto infinito e muito pessoal.

Serena cabecinha de sonhadora, sonhou flores. Que mais puro sonho lhe poderia ter vindo...

E como quer que tivesse o encanto fresco de todas as flôres, a fragancia harmonica de todas as côres e de todas as luzes, Helena foi a fada, sempre eterea e sempre doce, cuja habil varinha mágica trouxe para a «Primavera Eterna» de todas as idades, a frescura eterna de todas as flôres.....

Duma melodia curiosissima de forma, dum ritmo especial de movimentos e de posições, a sua arte como a sua figura é um producto refinado de sentimentos breves, de emoções leves e fugitivas.

Artista na mais pura, na mais integrante, na mais santa acepção deste infeliz termo, modesta e timida como lhe vae bem, a pobre tem até ha bem pouco tempo ouvido o silencio grave dos «entendidos», e o elogio vulgar de toda a gente.

— Na realidade, a palida luz das suas aguarelas, a côr quasi trivial —justamente porque é vivida e sentida— dos seus cartões, a penumbra triste das suas flôres e toda aquella difusa neurastenia de tons, cáem exaustas e confusas ante os espasmos bestiaes de côr aggressiva e ordinaria de todos os «Morais», ante os traçoeiros instantaneos róxos de todos os Marques.

E todo o público comediante e burguês de Lisbôa, público imbecil e engomado que frequenta museus ao domingo; os fracks estupidos dos Salões da Barata Salgueiro — esse público, gordo, fanqueiro, tremendo de inconsciencia e de rudeza, esse público *snoob* e risonho... tambem a não comprehende... mas compra-lhe os quadros, enfim!

LEONOR BASTOS

## MARTINS BARATA (JAYME)

Jayme Martins Barata é um rapazito moreno de 17 anos que cursa actualmente a Faculdade de Sciencias.

Este ano, pela primeira vez mandou ao Salão da Sociedade Nacional as suas «pochades» timidas e infantis, tão timidas e tão pequenas que quasi ninguem deu por elas.

Os seus quadritos muito leves, muito despretenciosos, muito sinceros e sobretudo muito pessoas de tecnica e de côr, eram em dimensões os quadros mais pequenos da exposição.

A arte de Martins Barata é uma arte toda de curiosa ingenuidade e de franquesa, sem maneirismos faceis, feita espontaneamente sem espirito de imitação nem de rotina.

A graça especial da sua mancha, muito nova e muito sentida, está principalmente na correcção incisiva do desenho e na pouca opacidade da côr, sem deixar de ter tonalidades consistentes e verdadeiras.

O seu assunto é tudo quanto ha de mais novo e de mais original, pela linha facil e imprevisita, pela correcção estilizada da forma.

Mas como se tratasse dum novo, o Juri da Sociedade Nacional, desleixado como todos o juris que se prezam nesta bemdita terra, não desceu do alto do seu valôr imensamente cronologico para atender nos minusculos quadrinhos do novo artista e distraidamente dispersou-os por toda a sala, quando os deveria ter colocado juntos e em sitio visivel.

Sucedeu portanto que ninguem viu nem ninguem falou neste Novissimo que a Sphinx tem a honra e a alegria de apresentar em primeiro lugar por legitimo e insofismavel «droit de conquête».

J. L. DE B.

## COTTINELLI TELMO (JOSÉ ANGELO)

José Telmo é mais do que um novissimo, é um ignorado.

Eu queria dar, em dois adjectivos energeticos e incisivos toda a posante originalidade desse temperamento assombroso, toda a extranha e completa organização desse grande Fenomeno d'Arte.

Telmo é dessas creaturas especiais e complexas que certos crusamentos de raças tem produzido — desde Mounet Sully a Alfredo Keil mas não ha com certeza, nem *lamarkismos*, nem *darwinismos* que justifiquem por completo a chama sintilante (premita-se o acaciosismo) daquela «verve» espontânea, o requinte elevado dessa compleição fecunda e tão profundamente original. Telmo possui todo o elegante desiquilibrio dum decorador e dum estilizador admiraveis e fecundos.

As suas ilustrações e os seus cartazes ineditos enfileiram com superioridade entre as obras dessa pleiade brilhantissima e moderna de desenhadores latinos: Bartolozzi, Ribas, Echea, Varela de Seijas, Tovar, Tito, Dhoy, Leal da Camara, Rubio, Marin, Barradas, Negreiros e tantos outros — mas, além de desenhador, eu apresento Cottinelli Telmo, novelista, poeta, actor, diseur e musico... E em tudo original, em tudo interessante e profundo, em tudo um grande esteta da Côr, do Som e da Vida.

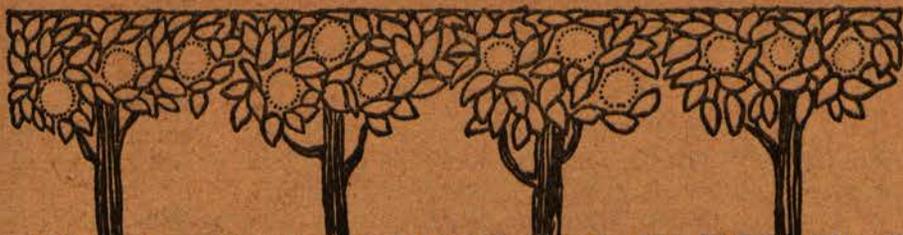
Porém falar de Cottinelli Telmo nas duas linhas que falta prehencher desta modesta folha de Novissimos, é cortar uma amostra raquítica duma fazenda preciosa e lavrada cujo debucho seja enorme e complicado. Por isso não venho critica-lo, nem discuti-lo; apresento-o simplesmente.

Fixem-lhe o nome, esperem-no impacientemente, e perdoem-me, já que eu me fiz tanto madame de Thebes para o apresentar.

J. L. DE B.



ILUSTRAÇÃO INÉDITA DE  
M. RAQUEL R. G. OTTOBINI



# AS LARANJEIRAS

Do poema inédito «As árvores»

O' arvores baixas, ó laranjeiras,  
Estais quasi sêcas dessas canceiras  
De olhar a terra, que dá alento  
Aos velhos troncos, fortes, dobrados,  
Que dá os frutos rubros, dourados,  
— Delicias nossas, vossos cuidados, —  
Por quem ha sempre temeis o vento.

Cantam ninhadas nas folhas verdes . . .  
Deus que vos fez foi para sêrdes  
Os seus abrigos nesses caminhos . . .  
Escondem as aves os seus amôres  
Detrás dos frutos . . . E tentadores  
Escolhem os noivos as vossas flôres,  
E lembram aves formando os ninhos.

Arvores honradas que ouvis modestas  
Louvôres das aves, hinos de festas,  
Sinto desejos de vos cantar . . .  
Velhas amigas das mocidades,  
Quem canta as arvores, canta as bondades  
Com que nos chamam nossas saudades,  
Amigas velhas, sempre a voar.

E, ao ver-vos lindas na paz da tarde,  
Moças eternas de tanta idade,  
Arvores robustas da minha terra,  
Sinto o orgulho da vossa vida,  
Limpida agua sempre of'recida  
A toda a gente que anda perdida  
Buscando a sombra de serra em serra.

# PÔR DE SOL D'OUTONO

iii Odeio-me!!! Porque o Escarlata hostile d'outubro histeriza-me.—Volatiliza-me. Desdobro-me em volutas de Desejos, e sinto perpassar, no parque grisalho, a Alma de Chopin.

E todos nós sentimos: Eu, os Cisnes em S, e as folhas sêcas. A agonia do Sol, é lenta e ruiva. E' ruiva porque eu não compreendo o vermelho.—O vermelho é ordinario.—A perder de vista as Catedrais, e para além delas, o Gotico. Perfilam de negro, hirtos, os ciprestes no confim do bosque. Dir-se-ia que vão a um Enterro de eça.

A hora axiomática é vinda. A agonia está prestes a terminar, porque o Sol agora tem hemoptises fulvas. Vomita Fogo. Parece um volvo ardente.

Agora passou a ouro velho, está mais calmo. Menos febre. Precisa Silencio, emplastos de Rememrança e inecções de Repouso; mas sobretudo Silencio. Adormeceu, se o acordarem morre. Silencio! Silencio! Silencio! Coitadinho, está tão velho!

Augural, como a cegueira casta das virgens, um grito de Cisne estilhaçou o Silencio. E o velho Sol morreu.

Ecôam fúlgidos sem taras canticos de pavões órfãos. E' o enterro do Sol. Agora o Ceu é todo um preterito de Luz. E no parque uma gase de violeta fluidizou o dorso esqueletico das arvores. E as arvores estendem, súplices, os ramos despídos como os braços de Dulce a pedir-me que fique. Baladas de folhas sêcas. Vento soprando. Arcadas de violoncelo. A Alma de Chopin é o vento. E o vento não cessa de chorar; e eu tenho pena do vento.

Mitrada de crisântemos, flôr d'Outôno, dalmaticada de desejos cândidos, passeia saudosa a Noiva tisica. Aleas solitarias! Atapetai-vos d'hálitos, que ela passa. Vêde-A toda illusão—a Noiva tisica. E eu sinto a sua beleza esotérica e incompreendida, sentida só dos Tristes, dos Azuis, dos que não teem sombra, porque a sua alma é um vitral, porque o seu corpo, afuselado no rondó funebre do silencio, é um I.

Suas mãos, quando ora, são em ogiva.

Compreendo-a Eu, os Cott, e tu, meu caro Outôno.

No entanto ela sumiu-se através da nevoa que foi de cinza. Olho de novo a luz que já o não é, e volvo o olhar á aleia que parece um túnel.

Negra! Nem diviso estatuas, dinamicas, estaticas.

Egítos de elegía! Piramides de pesadelo!

Traioeira a sombra avança, furtiva como um ladrão. Vai de roxo atrás do esquite do sol, e tem lagrimas.

No entanto o vento cessou. Chopin está cansado, o concerto finiu-se. E não houve palavras, houve lagrimas. Chovia.

Paris, outubro.

AFONSO ALVARES DE PORTUGAL

# MIRAGENS

Ao lado do grande espelho—um espelho de cristal, em mísulas renascença, luzia um frasco sem igual: linha esbelta, garganta afeitada, quadril de galbo helenico—lapidado pórté feudal.

Avental doirado pendia-lhe da cintura e nele azulava em fartas volutas heraldico brazão:

Era .. d'AZUR...

E as opalas e lírios, as joias e porcelanas que no tremó amorteciam seus olhares enamorados, ardentes de sedução—clareiras d'oiro, fumos de perfume, fulgôres d'olaria—para o frasco se erguiam.

Peregrinação d'amôr!... Santa romaria!... Branco dardejar etéreo, faíscas de pedraria, aureos golpes de perfume cingindo álgidos cólos d'esmalte.

E o espelho, imóvel, reflectia um a um os romeiros incendiados; olhava-se e remirava se, envaidecido, perturbado com o cortejo singular.

Miragens de sônho, estonteios de cristais, agúdas frestas de vanitas; de joelhos, ante a limpida clareira de seu brilho—tudo julgava vêr a seus pés rendido.

Meio Dia! Maré-cheia de luz!

E o frasco sem igual, constelado de misterio, solta á brisa seu perfume d'encanto.

Iris de translúcida, sua bôca, mansinho, gotêja claros fios d'AZUR—subtís curvas do passado á dôr e sonho abraçadas.

E no ambiente, AZUR volteia.

Desperta opalas, afaga lírios, saúda joias, vibra porcelanas.

Fluidicas litanias ardem pelo espaço.

Tudo brilha e rebrilha, tudo luz e seduz!

Só o grande espelho, imóvel, se apagara. A sua face, argentea e macia, cobrira-se de AZUR, halito do passado enevoando o presente—orvalhada andante de pirilampos gelados!

E o frasco, ao lado, enorme, colossal estrela do que lá vai—brilhava sem par.

Grandes cascatas de luz espelhando a policromia dos vitrais!... Vivas flamas incendidas em horas distantes recordadas!...

Novembro, 1916

NORBERTO CORRÊA



## COIMBRA E A PRAXE

Ora meus senhores: antes de mais nada é preciso prevenil-os de que ao escrever estas linhas a política está absoluta e completamente arredada do meu espirito. E' que parece ter havido quem fizesse politiquice com o caso, em Coimbra mesmo, e fóra. Para essas pessoas, todo aquele que fosse favoravel ao restabelecimento da praxe era monárquico, por força, e inversamente, quem se mostrasse contrario a esse restabelecimento, era republicano. Não é evidentemente á luz de um semelhante criterio que pode aqui (aquí ou em qualquer parte onde haja dez reis de raciocinio) ser tratado um semelhante assunto. A velha bruxa não tem que meter o nariz numa questão destas. E' evidentissimo que um monárquico pode muito bem ser desfavoravel às praxes e que um republicano pode, ao inverso, mostrar-lhes toda a sua simpatia.

Afastado portanto o nariz da bruxa, vejamos se realmente se deve aderir ao pedido dos estudantes que levaram ao Reitor da Universidade uma representação com grande número de assinaturas, solicitando a obrigatoriedade dos antigos usos coimbrães.

Mas antes de mais nada constatemos este facto curioso: os académicos que pediam o restamento da tradição faltaram á velha praxe, ainda hoje mais ou menos acatada, de considerar os caloiros e os novatos como verdadeiras coisas (*calaurus est res*), uma vez que a representação era assinada por numerosos estudantes do Liceu e do 1.º ano da Universidade.

Respondeu o Reitor á Comissão que lhe foi entregar a mensagem, que se a maioria da Academia desejava as praxes, era inutil pedir a sua legalização: não tinha mais que pratical-as, visto nada se opôr a que os estudantes as cumpram. Não sei eu qual foi a resposta que o director de aquele estabelecimento ouviu, mas o que sei é que ele foi manifestamente infeliz! No tocante á capa e á batina, a argumentação do Reitor é perfeita; mas no que respeita a todos aqueles usos que não devem ser cumpridos pelos estudantes mas sim pelos mestres? Como quer o

sr. dr. Norton de Matos que os estudantes por si sós cumpram a cerimonia do doutoramento, por exemplo? E' que é bom não perder de vista que o pedido abrangia todas as praxes da Coimbra antiga.

¿E' justo o pedido? ¿Tem ele razão de ser?

Para se ser raciocinadamente favoravel ou contrario á romantica capa e aos demais usos coimbrães, indispensavel se torna indagar primeiro se em Coimbra ainda vive a tradição do passado, se a mocidade de hoje respira ainda uma atmosfera moral favoravel á praxe, numa palavra se ha hoje em Coimbra uma Academia tal como existia antigamente.

Ora por mais doloroso que isso me seja — e creiam que é — forçoso se me torna constatar que o espirito universitario está morrendo na linda cidade do Mondego. A politica — não a politica de principios, porque essa é perfeitamente aceitavel e até benéfica, mas a politica politiquice — dividiu e subdividiu os rapazes em grupos e em grupêlhos, criou odios... matou muito do que de generoso ainda podia haver na sua alma de gente nova. Hoje os rapazes tem espirito de homens, visionam já o que eles chamam *vida pratica*. As invejas acotovelantes, as paixões pouco nobres, tudo o que aqui há uns 30 anos só apparecia no homem, domina hoje, numa precocidade que é bem característica de vida moderna, os rapazes do meu tempo.

¿Quantos estudantes cantam hoje o fado pelas margens do Mondego, envôltos na sua capa velha e rôta, iluminados transfiguradoramente por um luar de sonho?

¿Onde estão as assembleias agitadas do Teatro Académico?

¿Que é feito da estúrdia de Coimbra?

Tudo isto vive apenas na saudade enternecida dos velhos que ha 30, ha 40 anos viam, do isolamento do Penedo da Meditação, o esconder do sol lá para as bandas da Figueira. A verdade, é que tudo aquilo morreu já. Da Coimbra do *In illo Tempore* quase só restam as ruas estreitas, encotoveladas, galgando emaranhadamente a montanha... quase só resta a casaria, dominada pela gravidade da velha Torre. Mas o proprio encantamento do burgo medieval é quebrado pelo guinchar dos electricos nas curvas apertadas e pelo

tilintar nervoso das campainhas dos animatógrafos e dos teatros.

Em Coimbra, o número de repúblicas diminui, porque predomina o individualismo e o número de poetas decresce, porque vinca o materialismo. E as proprias tricanas estão abandonando os seus trajes e as suas cantigas, aparecendo-nos, até pelo S. João, pavorosamente ensopeiradas, tendo, como os estudantes, relegado para a lenda os seus fatos e os seus amores.

\*  
\* \*

Então abula-se a capa e a batina; então não se restabelecem as praxes. E' a conclusão logica e necessaria do que acaba de escrever, dirão as duas pessoas que me leem.

Conforme. Para aqueles que são abertamente contra as cidades universitarias, para aquelas pessoas que desejam a obliteração do espirito universitario, assim é. Mas para as que, bem pelo contrario, ardentemente querem a fortificação da alma académica — e neste número me conto — não. E não por isto: se é facto que não ha em Coimbra aquêlê espirito académico que tão bom era existisse; se é verdade que a Academia de Coimbra não exerce, no grau em que devia, aquela influencia que bem podia exercer, não é menos exacto que ainda ha uns vestigios da antiga unidade académica.

Atraz dizia eu que o espirito académico «está morrendo» em Coimbra. ¿Morreu já totalmente? Não. E facil é provar que não. A troça aos caloiros existe, o uso da capa e batina mantem-se, os rapazes ainda se conhecem... de vista apenas, é verdade, mas conhecem-se ainda, o que não se dá em Lisboa, por exemplo; os lentos ainda são as pessoas mais importantes da cidade, etc., etc. Mas quando o espirito universitario se patenteia em toda a sua pujança é nos momentos anormais de violentas reivindicações colectivas. Então a antiga academia aparece ainda, esquecendo odios, substituindo ao individualismo dos tempos normais o mais franco espirito de abnegação. Satisfeitas as reclamações, acalmado o movimento, volta a dispersão a campear, volta a apatia sonolenta do espirito academico a desagregar os rapazes.

Ora eu creio que um dos meios de reagir contra essa dispersão é sem duvida a reconstituição de todas aquelas praxes que lembram á Academia a sua existencia como uma classe distinta. ¿E' um meio único? E' claro que não. Não se cria por esta forma; apenas se *atrapa* o desaparecimento do espirito universitario. Mas o que se consegue é dar aos rapazes a consciência da sua força e conseguinte-

mente das responsabilidades que teem não a empregando inteligentemente no desempenho da missão que lhes cabe a dentro da sociedade portuguesa.

Para restabelecer o espirito universitario muitas outras medidas é necessario tomar, começando pelo banimento da politica entre os estudantes e seguindo depois até á constituição de uma Associação Académica noutras bases, por fórma a não serem palavras ócas, que teem como única utilidade arredondar as exuberâncias retóricas de periodos vãoos, a penetração universitaria e a solidariedade académica.

\*  
\* \*

Do que disse acima creio poder concluir:

1.º O momento de se atalhar o desaparecimento que se está verificando em Coimbra, e que eu acho um mal, do espirito universitario é este; daqui a uns anos seria já talvez tarde.

2.º A manutenção de algumas praxes é devida ao facto das mutações das ideias serem muito mais rapidas que as dos actos materiaes, que se continuam praticando pela força da inercia, já depois de não haver correspondência entre eles e o espirito que primeiro os ditou. Existe ainda não obstante em Coimbra um resto, embora muito apagado, do antigo espirito universitario.

3.º As praxes académicas, como a *cabra*, a capa e a batina, etc., são um meio de retardar o desaparecimento do que ainda ha da antiga individualidade académica.

4.º Não basta a existência das praxes para crear o espirito universitario uma vez que este deve ser uma causa e não uma consequência daquelas.

5.º Os estudantes devem esforçar-se por tornar numa realidade a penetração universitaria e a solidariedade académica.

FRANCISCO MACHADO

## EXPOSIÇÕES

*De pintura a agua e de desenho no salão da Sociedade Nacional. — De pintura a oleo no salão da Casa Bobone.*

A exposição de aguarela e de desenho no salão da Sociedade de Belas Artes, constituiu no meio lisboeta um grande acontecimento darte.

E esse acontecimento podia ser maior se não fosse a concorrência incomoda e nula, de alguns artistas (?) que por uma questão de hygiene julgo conveniente excluir da minha critica. Se eu falasse nos trabalhos d'esses senhores, provas completas de incompetencia e nulidade, tornaria

estas linhas mais enfadonhas e a minha opinião para que não fosse muito desagradável teria que ser decerto postiza. No entanto vou fazer uma excepção: vou falar do sr. Vaz!

O sr. Vaz tinha obrigação de se conhecer. As suas produções infantis na técnica da aguarela, fariam córar de vergonha um principiante que tivesse a pretensão de as expôr. Estas opiniões de maneira alguma querem ferir o grande pintor das paisagens fluviaes. Antes pelo contrario aconselhal-o a largar a aguarela, onde tão deploravelmente debutou, e a continuar a fazer os seus ternos marzinhos azues. Os trabalhos do sr. Vaz em aguarela são muito inferiores e eu não tenho nenhuma esperanças no sr. Vaz. No entanto este senhor é um aguarelista principiante e o futuro é um enigma!

Postos de parte estes senhores expositores vou falar dos que sentem e fazem arte. E ao começar imponho-me descrever aquele a que mais importancia dei, tão sentidos são ôs seus quadros, tão grandiosos os motivos que desenvolve. Este artista que eu senti atravez os documentos que expoz, e que me emocionou com todo o seu *modus faciendi* é Roque Gameiro. Gameiro é o patriarcha da aguarela portugueza. De Roque Gameiro tudo se tem dito e eu não direi mais. Accentuo porém um facto: é um homem de cincoenta anos em plena evolução e em plena pujança de todas as suas facultades. Destaco das suas obras dêste ano os quadros N.º 161, 162, 170, obras que reputo geniais, excedendo em marinha todos os artistas nacionais e só de leve igualado na paisagem por Carlos Reis. Os assuntos minúsculos de Gameiro atingem as proporções gigantescas de quadros enormes, tal é a estética do motivo (Estudo para a costa de S. Julião — Ericeira) tal o culto do desenho e da verdade (Ribeira d'ilhas — Ericeira) tal a emoção de côr (Eira), tal o sentimento e a poesia. (S. Sebastião — Ericeira). Não sei qual dêles é o maior; cada um tão grande nos seus motivos especiais, todos documentos do Génio que sem maneirismos impressiona pela grandeza pura.

Alves de Sá é um Cristo sonhador de barba rala e de olhos azues e brilhantes... E' o doce cantôr das pedrinhas e das hervas. Mas Alves de Sá, grande como já o sabemos das exposições anteriores, ainda se serve de trucs e convencionalismos que applica de receita para todos os seus quadros, e que julga indispensaveis para marcar a sua individualidade. E se não fosse o estranho espirito de arte que preside ao «Trecho do Velho Gerez» e «Alminhas no logar da ponte» iria acusar rudemente Alves de Sá do uso traçoieiro do Kodack. Espero que Alves de Sá con-

siga livrar-se dessas influencias para que em futuros certemens eu possa falar dêle mais à vontade e com mais tranquillidade. E Alves de Sá merece-o, porque é um grande artista.

Helena Gameiro tem 20 anos, e é a primeira paizagista portugueza pela eleição do assunto, pela subtil e quasi inconsistente transparência da côr, pelo *blasée* precoce da maneira, pela sinfonia geral dos seus verdes, do seu campo, do seu sol. Em aguarela nunca ninguem pintou flôres com aquela transparência carinhosa dos seus crisantemos, com aquele lacrimoso aveludado das suas rosas. Infinitamente superior a Klein, sem os maneirismos faceis da pochade chic, duma solidez inconfundivel de côr e de desenho, as seus trabalhos marcam e marcarão uma glória portugueza. Helena apresenta ainda um interior duma futilidade encantadora.

Alberto de Souza, apresenta-se êste ano como de costume, muito bom no desenho e insupportavel na côr. A falta de *sfumato* nas suas aguarelas torna-as duras e desagradaveis. Com convencionalismos no seu colorido brutal, Alberto de Souza expoz três aguarelas (Olhão — Largo da Egrejinha, — Olhão — Caes, — Olhão — T. de D. Maria Pia) que nos lembram paisagens algerianas. O «Arquivo Capitular (Evora)» bem desenhado e enormemente transtornado pelos panos mal feitos é duma dureza intoleravel. De todos os seus quadros registro o «Tavira (Barca d'Arte)», «Claustro do Convento da Conceição (Beja)» e «Bionco (Olhão)».

Vem agora Leitão de Barros.

Como eu gosto de falar de Leitão de Barros.

São tão sentidos os seus cartões, todos de uma ternura tão infinita, que sinto um prazer enorme em relembrar as suas composições que pintou com tanto carinho e que com tanto carinho sentiu. A sua evolução, que tem sido enorme e a sua individualidade já tão marcada, adaptam-se a todos os assuntos com uma doçura que sabe exprimir completamente porque é correcto no desenho, suave na côr, porque com a mais verdadeira sinceridade sacrifica todo o motivo á sua emoção. Leitão de Barros foi esquecido nas crônicas reles dos nossos jornais, das nossas revistas manteigueiras e banais, onde as opiniões são postizas e as mais faltas de sinceridade.

«A capela de S. Martinho ás Ave-Marias», comprado pelo Estado para o Museu d'Arte Contemporânea, é dos trabalhos expostos o que mais afirma o seu extranho talento. A poesia do assunto, que é delicadamente tratado, impõe-se pela doçura das meias tintas e pela religiosidade do ambiente. Fugindo da materialidade da paisagem vulgar, aquele

quadro está envolvido num subtil e misterioso véu que concentra toda a poesia da hora e do tema desenvolvido.

Leitão de Barros, tem 20 anos e o seu talento abrange infinitos de Ideal.

D. Hebe de Carvalho Gonçalves Gomes, expoz este ano cinco aguarelas muito curiosas, que marcam uma individualidade. Com excepção de «A mantilha branca», os seus trabalhos não apresentam um decisivo progresso. A sua completa vocação para retratista, declarada exuberantemente na «Tia-Mariana», que foi exposta em dois certames seguidos, é sem duvida a maior revelação do seu talento original e profundo.

De Tertuliano Marques só se pôde dizer bem. Correcto no desenho, com um colorido muito pessoal e com uma compreensão justa do seu papel, Tertuliano expoz uma «cigana», que em tudo é uma prova do seu valor. O colorido, que não esqueci porque só nele o vi, mostra-nos a travez da sua transparência e da sua delicadeza, a figurinha elegante de chinesa, onde ha harmonia e muito especialmente correcção. Os restantes trabalhos são sensivelmente do mesmo pincel, no entanto o seu talento adapta-se a assuntos os mais variados e os mais originaes.

Como os trabalhos de D. Raquel Roque Gameiro Ottolini me deixaram a mais profunda admiração e como compreendi a corrente acentuada, corrente que a impelle a tratar os seus quadros, muito especialmente pelo desenho e pela estilização! «Na praia de S. Martinho do Porto», o ambiente é unico, o desenho (todo o motivo deste quadro) é feito com largueza e ao mesmo tempo com carinho. A graça da figurinha de creança colocada á esquerda do quadro, é imensa. Um amarfahar de roupas põe na sua linha uma nota de interesse e de simpatia, em que ha uma elegância e uma graça infinitas. A gama suavíssima do seu quadro é a mais justa compreensão daquele ambiente tão cheio de praia e de sol.

«Rendeiras á sombra» e «A fiar na roca» são duas pochades de Paulino Montez, felicíssimas de cor e de desenho. Não há memória nestes anais limitados e monótonos do Salon português dum successo mais retumbante e eficaz do que obteve Montez nesta exposição. Montez, pinta há seis meses e os seus cartões recém-nascidos tem os vãos precoces e felizes daqueles que estão destinados a ser alguém.

Os trabalhos de Jayme Martins Barata, foram nesta exposição dos que mais me interessaram. Dotados dum finíssimo espirito de decoração, aqueles trabalhos revelam a maneira subtil de impor o motivo pela suavidade do colorido e não pela convencional nota de cor. Os seus trabalhos, que o grande público não compre-

deu porque se lhes não meteram pelos olhos dentro, são a mais justa revelação da gente nova que expoz.

O sr. Alfredo Morais é o conhecido ilustrador barato dos falsos livros de Conan Doyle e de todas as histórias de princezas semi-irgens. Mas isso não exclue que o sr. Morais tenha uma certa facilidade nativa e antiquada para desenhar e para compor páginas de illustração, mas nisso devia ficar e nunca impôr-se com a cor da sua paisagem, que é má e com o espirito dela que é peor; mas assim não entendeu o juri de aquisição de obras para o Museu, que comprou uma das peores coisas do sr. Morais e da exposição.

Bonvalot é o novo e já grande artista do óleo e do pastel. Cometeu porém o crime de mandar três pequenas aguarelas a este certamen, nas quais só podemos salvar o desenho e a intensão. E já agora devo dizer que aqueles pintores que se vão evidenciando em géneros antagónicos como é o óleo e pastel, não devem querer num espirito inexplicavel de topa a tudo, fazer bons óleos e más aguarelas.

D. Maria Herminia Santos Gomes é uma esperança curiosa e simpática de artista, hesitante ainda na mancha da aguarela, mas já correcta no desenho.

São muito interessantes como decoração os trabalhos de Alfredo Migueis. Mas são só isso. No seu quadro «Um caminho» ha uma árvore apontada diferentemente, o que perturba a sua maneira a qual tem muita preocupação de originalidade o que é, por vezes, mau e pouco coerente.

O «Portão da quinta» é o trabalho melhor que expoz.

Dos trabalhos de Eduardo Romero destaco a «Bacante».

Os quadros de Azevedo e Silva são muito pessoais e são uma nota interessante numa exposição, mas interessante e mais nada.

Depois das aguarelas passamos a desenhos, muitos dos quais não merecem referências especiais. Destaco dos desenhos de Alyes Cardoso, «Estudo para retratos» e «Retrato (215)»; de Martinho da Fonseca: «Menino»; de Santos Junior «Retrato do cenógrafo Aboim de Souza» e de Alberto Lacerda «Luz reflexa».

Como tinha prometido, não falei dos restantes expositores, deficiente e pessimamente representados.

Dos que não expozeram e figuravam no catalogo (Mily Possoz e João Marques) julgo conveniente não falar, já que por telepathia não recebi impressões e portanto as não posso dar, como fizeram alguns jornais de Lisboa e Coimbra.

Da veneranda figura da arte portuguesa que é Carlos Reis tem-se dito pouco e

tem-se dito mal, porque a artistas desta envergadura não se devem atribuir adjetivos vulgares, de sempre. A obra de Carlos Reis por vezes vista com indiferença e tratada com desprezo pelas criticas habituais, é na pintura a tremenda síntese de toda essa geração passada que nos legou «O crime do Padre Amaro» a «Viuva» e nos acordou desse sono romantico e passivo de que toda a Europa já acordára. Carlos Reis é o maior pintor de paisagem portugueza, é o patrono genial d'essa escola que com ele não acaba porque já tem sucessor em João Reis o distinctissimo pintor que com Antonio Saude e Falcão Trigoso, expoz no Salão Bobone. O seu aspecto de *garçon* Van Dick está nos seus cabelos pretos e anelados, nos seus olhos claros que nos filtraram «Melancolia», «Tarde», «Ceu nublado», e «Manhã d'Estio», uma das mais grandiosas e estranhas paisagens que toda a nossa geração tem produzido. Traçada com largueza, aquela paisagem que lembra Corot é de todas as produções d'arte expostas este ano a que mais me impressionou tal é a subtilidade com que está desenvolvido motivo, tal o arrojado tema que traduziu porque sabe ter aquele desenho, aquela côr e sobretudo porque tem talento.

Os trabalhos de Antonio Saude são muito interessantes mas não marcam nenhuma evolução. A sua forma mantem-se a mesma; duma grande transparencia e leveza de côr, d'um finissimo sentimento de decoração e de beleza. «Manhã de Novembro» é dos seus trabalhos o mais interessante e sobretudo o que marca mais a sua individualidade.

Alves Cardozo merece boas palavras compensadoras do seu trabalho onde ha vida e côr. O quadro «Azenhas do Mar» um dos trabalhos mais belos que expoz, foge da moldura com o seu ambiente de longe e de infinito.

O sr. Falcão Trigoso apresenta trabalhos curiosos, alguns mesmo interessantes (Janeiro florido), mas que não merecem referencias especiais a não ser «Atalho de noivas» onde alguns defeitos não têm desculpa.

Os trabalhos de João Reis tornaram esta exposição mais interessante e valiosa e a «Manhã de estio» é dos quadros numerados de 2 a 45, o que mais se impõe.

LUIS R. SANTOS

#### A BILBAINITA

Haverá cerca de um ano!

Mergulhava eu num dos meus raros momentos de tédio quando fui despertado por um amigo que com alguma dificuldade me conseguiu arrastar para o Salão Foz, sala onde eu entrava pela segunda

vez, pois nunca as suas *variedades* proclamadas em letras gordas tinham solicitado a minha curiosidade.

Entrámos. Vi a quinquagessima segunda serie de um desses *imbroglios* tragicos que ultimamente se tem exhibido com tanta frequencia. Mais um dos costumados intervalos de *dois minutos*, e eis finalmente a Bilbainita.

Era a sua penúltima apresentação e o interesse que me inspirou determinou-me logo a não perder tambem a exhibição seguinte.

As minhas impressões desta primeira vêz, foram, posso dizê-lo, muito fugazes e confesso que não abarqueei todo o valor real desta demonstração artistica.

Mas aquellas castanholas!

Que instrumento nas mãos de Bilbainita, e como por meio dêle consegue introduzir inéditos efeitos expressivos na música, formando com ela um todo indestructivel! Algumas danças havia em que as castanholas emudeciam sem que o interesse desmerecesse. Era então a radiação da sua mímica que prendia a atenção de todos que a viam.

E como esquecer a magia pitorêscas dos seus trajes e o seu *savoir faire* tecnico! Mas foi só de pouca dura. E lá se foi para a sua querida Hespanha, que, tambem pelos modos, já não pode passar sem ela.

Passa um ano e ahi a temos de novo. Que diferença!

Quanto a Bilbainita viveu no decurso deste ano. Porque não basta ter aprendido novos processos de realisação artistica que são exclusivamente do dominio técnico. E' necessario ter *vivido* porque só o sentimento da vida, mais extenso e mais profundo, pôde enriquecer esse pecúlio de emoções que são a materia prima da arte. Porque se ha um facto evidente é o da reabilitação desta esplendida arte da dança nos últimos tempos, depois de a termos visto resvalar da dignidade a que tinham elevado os gregos, a uma pura exhibição de acrobatismo baixo e inestético.

Todos sabemos que depois de consagrada pelos esforços de alguns músicos de genio como um elemento integrante do drama musical, a dança acabou por ser, tanto quanto possivel, uma nobre arte independente que associou a si as outras artes, graças ás invenções de Izadora Duncan, de Ida Rubinstein, dos mestres da coreografia russa.

Nesta corrente surge Bilbainita exprimindo na dança o genio nacional da sua raça com um sentimento do pitorêscas, do movimento e uma plasticidade que a tornam uma interessantissima figura de artista e uma colaboradora dos poetas e dos pintores da sua patria na reviviscencia do genio nativo.

O pincel e o genio de um Sorolla, não julgaram descer, fornecendo a Bilbainita o fundo desses deliciosos quadros de que ella é como que o centro vivo e animado.

Não porêmos ponto nestas linhas sem uma nota profundamente simpática aos corações portuguezes. Bilbainita adora Portugal no que elle tem de mais genuinamente representativo—o povo.

Encantou-a a nossa indumentaria popular. Comprou um traje minhoto que lá peregrinou gloriosamente pela Hespanha e pela França pyrenaica.

Em Pau os soldados francezes retrataram-se em grupo com a gentilissima bailarina biscainha vestida á minhota.

E desta segunda vez que nos visitou, o interesse de Bilbainita pelo nosso paiz recrudescceu e levou-a a penetrar mais profundamente o sentido da nossa canção e da nossa dança popular.

Não podemos formular um voto que nos seja mais grato do que o de vermos a Bilbainita realisar com a graça e a frescura da sua plasticidade tão expressiva, o melhor, o mais íntimo, o mais lírico, o mais gracioso da canção e da música portugueza com a mesma triunfante mestria com que traduz Albenis e Granados.

C. CHAMBERS RAMOS

#### O CONCURSO DE CARTAZES PARA O «CIRCO DA MORTE»

ou «Provas públicas de juris incompetentes e artistas impotentes». «Notas rápidas para a Biografia dos artistas portuguezes». Compunha-se o juri dos seguintes senhores:

— Augusto Pina — artista — Expoz ha algum tempo no Nacional umas coisas notaveis pela falta de desenho, infantis, ridículas e *inspiradas* algumas no *Fliegende Blatter* e outras illustrações estrangeiras. Aguarelas por grosso, a retalho e sortidas. — Preços módicos. — Fazem-se reproduções. — Em matéria de cartazes... Vidé: Cartaz para o concurso de tiro.

— Conceição Silva — artista. — Postas de parte as suas qualidades de pintor dóleo — o que lhe resta para poder fazer parte dum juri para um concurso de cartazes? — Critério? Zero! Ele há uma diferença tão grande entre um quadro a óleo e um cartaz artistico! — E mais:

— Um sr. Silva Graça e uns Emprezaes com dinheiro. Dêstes senhores não sei nada; mas faço o meu juizo pêlo episódio seguinte:

Dia da abertura da exposição. Um sujeito gordo diz coisas deante dos *artigos* expostos. E' um emprezae! O trabalho do sr. Bonvalot entusiasma-o: — «Quem fez isto tem unhas!» Outra coisa, com bonecos, macacos, bombeiros e crianças,

comove-o: — «Isto é que é o verdadeiro cartaz para o público!».

(N. B. Se o público fosse constituido por srs. emprezaes assim!)

Os classificados:

1.º Campas — Nem assunto, nem côr, nem desenho de cartaz, nem ao menos letras!! Muito aceitaveis estas, aqui há uns anos atraz, quando a Arte Nova fez furor — em latas de chá.

2.º Bonvalot — Um lindo cromó, brinde para a Papelaria Palhares.

3.º Lucena — Fraco. O mesmo que nos antecedentes: nem desenho de cartaz — nem côr — composição magra. Muito detalhe.

4.º Barradas — O melhor de todos os expostos.

Compare-se a composição do sr. Campas com a do sr. Barradas: que abismo! Vejam-se os processos: que inferioridade naquele género «pochade» do sr. Campas, e como é interessante e decorativa a estilização de Barradas! Vejam-se as côres: a harmonia de côr dum, e o mau gosto do outro!

Entre os trabalhos não classificados há alguns com melhores condições de cartaz — e, uma série de bonecos que fariam côrar de vergonha os seus autores se eles agora recuperassem a razão.

CARLOS REBELDE

#### ARTES DECORATIVAS

Na sala modernamente simples, ornada apenas dalguns bons quadros recentes e de antigas porcelanas, os grupos se formaram e animados conversam. Aqui discute-se futurismo; além é a situação economica, mais longe um pouco três estudantes divisam brandamente sobre Poesia. E entretanto a chaleira — um «*samovar*» de arrendada prata — vai fervendo, e o olhar de sonho duma ou doutra aguarela deixa-se cair, indulgente, sobre os grupos dos novos.

A um lado, meio fundidas na penumbra quente do quebra-luz, umas silhuetas se percebem alongadas nas velhas cadeiras de alto espaldar. Quem entrar na sala não as verá logo: um instinto de intimidade as fez escolher esse cantinho modesto e confortavel. Tambem aí se fala e não menos animadamente, mas ha como que um véo sobre essa animação, a abafar-lhe as vozes quando se elevam mais num entusiasmo repentino. De vêz em quando, um riso claro se grana e cai, em notas d'agua.

Mas de que falam? Em certas ocasiões torna-se geral a conversa e os grupos ondulam, desconcentram-se, mesclam-se a formar novos grupos.

— E' ridiculo o abuso que se faz da

apelação de Arte! — exclamava uma loira de olhos azues muito vivos e cheios de ironia. — Ha anos tinhamos «a arte de cozinha» «e a arte de fazer flores de sabugo» 'Hoje temos mais: hoje temos a arte da «pirogravura», do «repoussé», do «marquetage» e outros tantos nomes francezes que, pronunciados á portugueza, são do mais discordante efeito. E isto ainda é pouco, porque na nossa Lisboa, em que o galicismo impéra, frequentemente se nos deparam taboetas como esta: «Arte e ménage». E ao portuguez de lei arrepiasse-lhe o amor da lingua, e áquele que sabe o que é arte enfurece-o vêr-lhe o nome, — nome apenas, que mais não podia ser jungido ao «ménage». O' deuses da Bellesa e da Arte! ó Apolo, ó Minerva, na vossa cólera nas fulmineis este «jardim», em que ha flores de tão raro perfume: *Arte e Ménage!*

Eu até já vi em qualquer montra um livro intitulado «A arte de escolher marido»! E' verdade que algumas raparigas gastam nessa escolha uma verdadeira arte! — acrescentou a rir, e o seu riso franco foi contagioso. Só uma senhora, mais velha, se não riu. Não sei quem é: eu não conheço ninguém, cheguei agora. Mas não interrompâmos:

— Contudo, não poderá haver uma certa arte na disposição das coisas mais simples, num bordado, no proprio arranjo e ornamento duma casa? — perguntou, timidamente, uma figurinha baixa de rosto banal, uma destas fisionomias que tanto se encontram na feminina burguesia lisboeta.

— Póde — respondeu a que falára primeiro, — sem dúvida póde haver nisso *uma certa arte*, isto é: um bom-gosto a denunciar o sentimento do Belo na mulher que assim bordou, dispôs ou ornamento. Diz-se: dispôr qualquer coisa *com arte* — querendo significar: *artisticamente*. Daqui á criação estúpida de fórmulas afectadas e falsas como as da «arte da pirogravura» e outras, vão léguas de distancia. Mas como a palavra *arte* designa tambem o «conjunto de preceitos e regras para fazer ou dizer bem qualquer coisa», rigorosamente poder-se-ia dizer a arte da pirogravura — se na pirogravura houvesse arte... O que se não póde é consideral-a uma *fôrma* d'arte! — pelo menos tal como ella é ensinada por essas pitonisas de masculino trajar. Porque nunca se diz a arte da renda? Não ha nas rendas muito mais arte que nesse trabalho que consiste em gravar na madeira ou no veludo um mau desenho? Não ha rendas de tanto primôr artístico?

De resto eu não me refiro propriamente á expressão gramatical. O que eu não tolo é que se admita como fazendo parte da educação *artística* o «marquetage», que nem ao menos é francês e que em portu-

guês se chama marchetaria, a pirogravura ou o «repoussé» (em portuguez relêvo), como são ensinadas entre nós as *artes decorativas*! Ora as minhas amigas decerto viram algumas das exposições desse genero que por aí se fazem de vêz em quando, e nas quais não apparecem senão monstruosidades, insuportaveis a quem possua uma parcela de bom-gosto? Se quem professa tais «artes» deseja realmente prestar serviço á Arte, o melhor que poderia fazer era cingir-se a outro ramo de ensino, por exemplo a lecionar sómente o Português. Ah! mas nem isso poderiam ensinar correctamente, esquecia-me! — exclamou sorrindo maliciosa. — O mal está em que essas pessoas se julguem artistas, fazendo-se passar por tais. E, como põem as suas lições ao alcance de todos, cada vez vai lavrando mais a praga das diversas «artes», e os seus productos se vão multiplicando, passando das montras em que estão apenas preparados — ás salas que desadornam e ridiculisam. Se as donas de casa, se todas as meninas Pires soubessem quanto mau gosto encerram as suas almofadas de pelússia piro-pintada, as suas molduras pirogravadas, os *quadros* de setim pintados a relevo! se ellas soubessem como tudo isso é *soisa*, pelintra e hediondamente feio! Se alguém lh'o pudésse fazer compreender, nunca mais pegariam num ferro de queimar ou numa pá de profanar a tinta. Queimavam, sim, mas era toda essa reles quinquilharia. Mas quem lhes faria esse milagre? elas teem as cabecinhas tão ócas, tão ócas! tão cheiinhas de preconceitos e de falsas educações, senhor!

— Creio que me não irá contradizer, se eu afirmar que lá fóra, no estrangeiro — objectou de repente a senhora mais velha que se conservára impassivelmente muda até então, — *no estrangeiro* — acentuou repetindo, — essas mesmas artes são ensinadas e apreciadas como meios da ornamentação caseira. Mas nós queremos ser mais adeantados que a França, por exemplo, não é verdade?...

— Não! — respondeu séria a rapariga loira. — Em França não ha um unico artista que tenha aprovado a pirogravura ou o relevo tais como os ensinam por cá, — e por lá os peores professores. Não! Se estas fórmulas de decoração — que bem o podem ser: a questão é que o bom-gosto exista, se utilisam nalgumas escolas industriais da França, é que o seu ensino foi feito dnma fôrma literalmente oposta á das nossas professoras: Lá nada se faz no ramo da *arte decorativa* sem primeiro ministrar-se ao aluno um solido estudo do desenho; devendo esse estudo ser a *base*, faz-se perfeito, sempre do natural, analisando especialmente a Flôr, a Planta, fonte mais rica de elementos decorativos.

Quando o aluno sabe bem reproduzir em seu conjunto e em seus diferentes detalhes a Planta tenta, compôr, inventar. Só depois disto ele pega dos instrumentos ou ferramentas do relevo, do embutido, da marchetaria, seja de que fôr. E o seu trabalho, se não é uma «obra d'arte», *poderá ter alguma arte*. Quanto á pintura em relevo sobre setim ou seda, só se vê por lá nas saletas dos «concierges»! Inteira-se, minha senhora, de que em Paris uma costureirinha tem muitas vezes mais gosto que as esposas de alguns conselheiros portuguezes...

Não respondeu nada a defensora das artes do Mau Gosto, mas daí a pouco, num gesto cheio de artificial, pegou das luvas, afagou-se na péle, e pretextando a hora, safu. Um murmúrio de alívio passou, quando os seus passos se perdêram na antecâmara. Aquele vestido dalfaiate escuro de alto colarinho e punhos engomados irritava as circunstantes, mais implicante ainda ao brilho agressivo dos grossos brilhantes, que faziam sobreiaír a fealdade do rosto e das mãos. Nesse instante saímos da penumbra em que não tinham dado por nós. Apresentaram-nos.

Soube que a rapariga loira que nós ouvimos era uma joven artista inteligente e sem o menor snobismo, que aproveitava qualquer ocasião para atacar e combater o mau gosto sob todas as suas fórmãs. No nosso meio, objectei com melancolia, menso terá que fazer!...

LAURA NOGUEIRA

## O DRAMA PASSIONAL

Anoitecia já. Naquele lugar deserto, apenas ele e os môchos que piavam sinistramente, davam sinal de vida. Agachado, apoiando-se nos membros anteriores, parecia um tigre, pronto a atirar-se sobre a prêsa. O seu olhar feroz lançava chispas na obscuridade. Um faiscar horrível, de claridade fantastica.

As narinas resfolegavam-lhe furiosamente como as duma besta-féra.

As suas maxilas salientes de prognata batiam nervosamente com um som lugubre de ossádas esmigalhadas. Escondido atraz dum cipreste centenário, esperava impaciente a pobre Ofelia!...

Subitamente, umas passadas leves, um vulto branco destacando-se da alvura do muro do cemiterio, avançou lentamente no meio do silencio solene daquela paisagem morta.

A lua esparzindo a sua luz fria por sobre o manto branco de Ofelia tornava-o fosforescente, quasi imaterial...

Ele, dum salto simiano, lançou-se ferozmente na frente, tolhendo-lhe o passo.

Pobre Ofelia! resignadamente, muito

formosa e ingénua, juntou as mãos de nácar muito transparentes e fixou com o seu olhar lânguido de *meridional* a constelação da Ursa! (1)

— Mulher infâme! — rugiu êle com uma voz potente de baixo abaritonado — porque me despresa?!!

Um silencio de 22 segundos se seguiu a esta apóstrofe brutal.

Depois, Ofelia, muito pálida, cadavérica, o olhar apagado, gemeu três vezes, três vezes suspirou, e com uma intonação quasi violínica:

— Silvestre, porque me torturas?

Ele, irritado, prêso dum acesso de loucura, soltou palavras incompreensíveis... (talvez em esperanto,) que ela sentiu cravarem-se-lhe nas aurículas, frias e cortantes como o gume duma raspadeira.

Depois cnicamente, procurou na algibeira do colête um punhal grande de lamina articulada e cravou-lho no peito entre a 5.<sup>a</sup> e a 6.<sup>a</sup> costelas.

Morta, caíu sobre um tufo de urtigas que lhe causaram dôres agudas.

Bestial, selvagem, introduziu-lhe a mão criminosa na ferida sangrenta, e num gesto decisivo arrancou-lhe a moela pelas costas, trincando-a palpitante ainda, qual Pedro Crú.

Finalmente, o olhar injectado e fixo no infinito, empunhou uma pistola, disparou-a para o ar e caíu desmaiado com o ruído da detonação.

Porêem, mais tarde, quando foi volvido... etc., dois esqueletos, um ao outro unidos, etc. etc.,... Versos (Soares de Passos).

MERCIER MARQUES

## O FADO DO GANGA

Da guerra da Europa, sabe o Lisboeta que isso é uma coisa maçadora que se passa nas terras dos nevoeiros. E isso lhe basta.

De vêz em quando sobresalta-se com uma estatística ou uns numeros novos, e encontramos na rua um sujeito que nos pergunta: Sabe V. quanto gasta a Inglaterra por dia? Nós nunca sabemos ao certo e o sujeito repete a cifra, mas despeja esse numero tremendo com o *sans façon* mais corriqueiro continuando tranquilo e digno o seu caminho.

A guerra é uma frioleira como tantas outras, que não impede, como de resto nada o impedirá, ao lisboetasinho fresco e moreno, da frivolidade bonacheirona de cada dia:

Lisboa inteira e compacta, toda a Lisboa, vibra intensamente, estrebucha e enlouquece de delirio musical, ha meia du-

(1) O cronista deste drama não conseguiu saber nunca se foi a Ursa Mator ou a Menor que Ofelia fixou languidamente.

zia de semanas, a todas as horas do dia em toda a parte, com as notas bestiaes dum fado molengão e fadista berrado com verve por actor característico num teatro de péssima ordem. — E toda uma sociedade de frioleira e de insipidez, repete contente numa inconsciencia selvagem meia duzia de notas chulas, que nos perseguem em toda a parte, por todas as ruas, a todas as horas, ao dobrar uma esquina, ao sair duma loja...

E quando regressamos a casa, mais livres enfim, e cansados de todos os saricotés desta vida... farejamos a cosinheira longinqua e ao fim do corredor:

Por isso eu digô ô ô ô ô...  
ao meu amigô ô ô ô...

E lembrar-se a gente que caiu a cathedral de Amiens e o teatro Eden ficou de pé...

## ATRAVEZ DA VIDA ATUAL

### INICIANDO:

Permiti, ó leitores benévolos (ou malévolos... não sei!), que eu, etérea e alada Esfinge grega acordando, alfim, do meu sono secular, atravesse, meditativa, a vossa vida moderna. Estais levando uma existência tão febril, o fragor metálico das vossas paixões — materializadas em o aço da artilharia e a melinite dos obuses — é tão formidável, que me quebrastes o encanto... e eu, surpreendida, despertei em fim!

Permiti, ó leitores, que a helénica Esfinge — simbolo de um passado glorioso pela superior estética — vos venha segredar as suas impressões acerca da vossa civilização militarista e homicida, tão oposta á dos meus antigos helenos de saudosa e suave memória.

Permitis?... A minha mentalidade é a antitesa da vossa — por isso duvido que me compreendais, vós que sois o Presente em paroxismos de iras e ódios seculares. Eu sou a quietação do Passado, cristalizado na plástica da pura Beleza imortal. Mas deixai-me lembrar-vos que encerro em mim o enigma do vosso Futuro — e por isso sorrio do vosso Presente, que, aliás, me faz tremer de horror...

Permiti, ó meus leitores, que a Esfinge do Passado, simbolizando as eras futuras de Amor e de Paz, vos fale um pouco do vosso tragico presente.

### UM ESTETA:

Conhecem o escultor Brzeska? Não. Foi um grande esteta e também um grande caracter. Li, a respeito d'ele, algumas linhas emocionantes, em um lindo livrinho — verdadeira joia literária... Não resistirei á tentação de transcrever para aqui essas palavras do grande espirito que foi Remy de Gourmont:

«Recebi, há tempos, uma carta do poeta

inglês Erza Pound, annunciando-me, em palavras comovidas, a morte, em um combate do Artois, do jovem escultor francês Gaudier-Brzeska. Como este nome é desconhecido para mim, pedi esclarecimentos ao poeta Pound. Eis o que elle me disse: — Gaudier-Brzeska, natural de Touraine, assim que atingiu a idade militar optou pela sua arte, a escultura, e fixou-se na Inglaterra. Em Londres, trabalhou, expôs, criou uma reputação no grupo de artistas e de poetas em que se formou o movimento *imagista* para os poetas, e para os artistas o movimento *vorticista*. Conheço os vorticistas apenas pelo monumento de Oscar Wilde, no Père-Lachaise. E' uma obra mui curiosa, cujo autor, Epstein, é o mestre do grupo. Ora Epstein estimava profundamente Brzeska, considerava-o como representante do futuro da escultura inglesa. Quando estalou a guerra, o novel escultor, que tinha evitado a caserna, não evitou o seu dever apresentou-se no serviço de recrutamento. Foi incorporado sob o nome de Gaudier. Declarou-se «pedreiro», simplesmente. Não possúo pormenores acerca da sua morte. Tinha uns vinte-e-três ou vinte-e-quatro anos; parecia que o destino o reservava para a glória. Como Epstein, como o pintor Lewis, Brzeska (que expunha sob este único nome) tinha muita admiração pela arte antiga do Oriente, pelas formas egípcias, assirias e chinesas da escultura. Não era, porém, um imitador; era um investigador. Tinha feito estudos profundos e conservava a personalidade que lhe era própria. Como todos os verdadeiros escultores, tão raros, gostava de trabalhar directamente na pedra. Possuía o sentimento da matéria e, como dizem os ingleses, *a sense of the material*»

— Foi mais um grande espirito devorado pelo moderno Moloch de aço e pólvora.

ESFINGE DA HELADE

# OFICINAS GRAFICAS

Tipografia

Encadernação

Movidas a electricidade

Litografia

DE **HENRIQUE PEREIRA & C.<sup>TA</sup>**

Desenho e Gravura

4 a 12, Rua Paiva d'Andrada (ao Chiado), 4 a 12

Execução rápida e económica de todos os trabalhos para o Comércio e impressão de Obras Literárias e Scientificas. Rótulos para vinhos, farmácia e drogarias. Revistas, jornais e obras de luxo. Apólices e ações para Bancos e Companhias.

Telefone 1268 — Central

**LISBOA**

## LA BÉCARRE

PAPELARIA E TIPOGRAFIA

Completo sortido de artigos para :

*PINTURA MAJOLICA*

*PINTURA RELEVO*

*PINTURA A OLEO*

*PINTURA A AGUARELA, etc.*

F. CARNEIRO & MORAES

47 e 49 — Rua Nova do Almada

LISBOA

## Au Petit Peintre

Papelaria, Tipografia, Artigos de

Pintura, Desenho e Arte aplicada

A unica casa no genero

104, R. de S. Nicolau - Lisboa

Telefone 2534

### Quadros da HISTORIA DE PORTUGAL

em 8 ciclos e em album

**ATITUDES ESCOLARES** em 12 desenhos

**Medidas inglesas e a sua relação com o sistema decimal**

por E. RICON

**METODO FONETICO DE INGLÊS** por Alves d'Oliveira

ARTIGOS PARA PINTURA

**PAPELARIA GUEDES — Rua Aurea, 80 — LISBOA**

**CREME**  
**Beleza das Damas**

**TIRA AS SARDAS,  
MANCHAS, RUGAS  
E QUEIMADURAS DO SOL**

**CREAÇÃO DA  
DROGARIA PROGRESSO**

**R. da Escola Politécnica, III-113  
LISBOA**

Não volte a pagina

nem leia o verso

?

**LINGUAS:** = Francês — Inglês  
Alemão — Português

**Aceitam-se traduções** = **PIANO**

**PREÇOS MUITO MODICOS**

Informar-se na **TIPOGRAFIA MODERNA**

Rua de Santo Antão, 158-A — LISBOA

**AGUARELA = DESENHO = ESTILIZAÇÃO**

Lições em curso =

Preços: modestissimos

Informar-se na **TIPOGRAFIA MODERNA**

Rua de Santo Antão, 158-A — LISBOA

**LUIS DE ALMEIDA NOGUEIRA**

**Trabalhos publicados:**

**LINGUÍSTICA**

**GRAMMAIRE PORTUGAISE** (Méthode Gaspey-Otto-Sauer). Edição de JULIUS GROOS, Heidelberg (Alemanha) — 1913.

Um grosso volume de 434 páginas: 5 Frs., 75.

A **Grammaire Portugaise** de Luís de Almeida Nogueira não é apenas documento da competência do autor, senão também prestimoso serviço aos mais altos interesses da lingua portuguesa.» — CANDIDO DE FIGUEIREDO, in «Diário de Noticias» (de 4-12-913).

**CORRIGÉ DES THÈMES CONTENUS DANS LA GRAMMAIRE PORTUGAISE**

Um volume de 38 páginas: — DOIS FRANCOS

**LE COMPAGNON DU VOYAGEUR:**

Francês-Português — 1 volume. Inglês-Português — 1 volume.

Cada volume: Um Franco. (JULIUS GROOS, editor).

**EM PREPARAÇÃO**

**FILOSOFIA:**

**As Verdades Eternas**

Um volume, com ilustrações de LAURA NOGUEIRA.



